



SÉRGIO TRÉFAUT

**"A CIDADE DOS MORTOS"
É UM FILME
CLANDESTINO"**

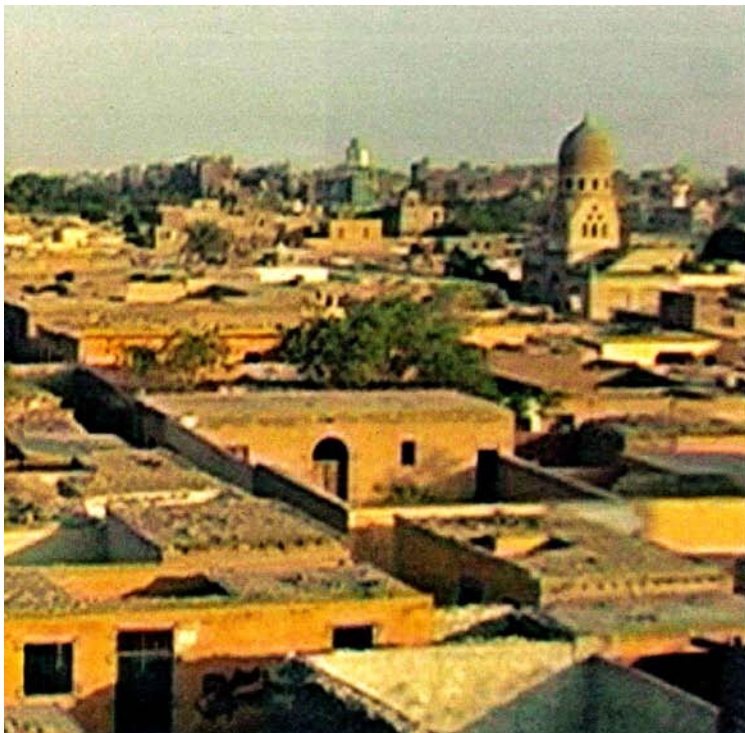
Já premiado internacionalmente, o documentário sobre o cemitério habitado do Cairo estreia esta semana nas salas

Entrevista Jorge Leitão Ramos

Nasceu no Brasil de pai português e mãe francesa, tem tripla nacionalidade e, aos 46 anos, é um dos vultos dominantes do panorama audiovisual português no campo do documentário. Ascendeu a essa posição mercê de uma série de obras notáveis — “Outro País” (1998), o filme que nos devolveu a memória dos anos de abril; “Fleurette” (2002), onde abordou a história incrível da sua própria mãe através das vielas da História e das ideologias; “Lisboetas” (2004), com que nos fez descobrir faces insuspeitadas da nossa cidade. Agora, foi ao Egito trazer de lá um filme sobre a extraordinária necrópole do Cairo, o cemitério onde vive um milhão de pessoas — e onde há mercados, espetáculos, amores, escolas, além de, evidentemente, enterros.

O primeiro elemento importante de “A Cidade dos Mortos” é a revelação de uma realidade insólita. Como é que a descobriu? Aquela realidade não é desconhecida — até vem em guias turísticos. O que se passou foi que várias pessoas me desafiaram a ir filmá-la e durante muito tempo não lhes dei atenção, primeiro porque era longe e depois por me parecer tão gigante que era pouco crível. Até que um dia fui ver com os meus próprios olhos e foi imediato. Pensei: é um desafio que quero tentar. Em milhões de aspetos: a língua, a cultura...

Como é que um documentarista se aproxima daquela realidade? É um problema que se coloca em qualquer filme. Quando fiz “Lisboetas” também tive de encontrar soluções para entrar em comuni-



TREFAUT: "O REGIME QUERIA QUE SE FALASSE DAS PIRÂMIDES, DOS MONUMENTOS, MAS DA CIDADE DOS MORTOS NÃO. E AS PESSOAS NA RUA TINHAM MEDO DE FALAR PARA UMA CÂMARA"

dades que não têm um acesso fácil e fui pela via das comunidades religiosas, das associações. Neste caso, eu sabia que várias pessoas tinham tentado filmar naquele local e só tinham conseguido 'roubar' imagens durante uma reportagem de dois dias. Não é o meu estilo, eu tenho de conseguir intimidade e relação com as pessoas, que, penso eu, o filme mostra que existem. Tentei entrar nas redes, quer dizer, os coveiros, os grupos religiosos, as mesquitas, as escolas, os cafés... Veja-se, por exemplo, os mercados: eles têm os seus próprios guardiões. Toda a gente diz para não filmar nos mercados, que é perigosíssimo e acaba-se sendo assaltado. Só que, ao fim de algum tempo, é o próprio guardião daquele espaço que começa a tomar conta de nós.

O filme foi feito exatamente quando? Fui pela primeira vez ao Cairo em novembro de 2004, as filmagens foram realizadas entre agosto de 2007 e 2009, em várias fases. Antes de começar a filmar fiz várias viagens e fui estabelecendo relações, almocei em casa de coveiros durante semanas, fui arranjando assistentes egípcios. É preciso dizer que, na fase de financiamento do filme, muitos produtores internacionais mostravam interesse, mas diziam: "Só me meto numa coisa no Egito com autorizações." Porque o Egito tem uma péssima reputação. Tentei, por todos os meios, obter as autorizações para filmar, coloquei vários embaixadores de vários países a escreverem cartas a ministros — e nada. Tive de fazer um filme clandestino. "A Cidade dos Mortos" é um filme clandestino. De vez

quando aparecia a polícia e nós fazíamos de conta que fomos visitar alguém...

Mas porquê clandestino? Durante o regime de Mubarak, havia uma obsessão pela autorização de filmar. Era a primeira coisa que uma peixeira perguntaria, num mercado, se a estivéssemos a filmar. E a polícia tinha direito de parar as filmagens imediatamente. O regime queria que se falasse das pirâmides, dos monumentos, mas da cidade dos mortos não. E as pessoas na rua tinham medo de falar para uma câmara. Conquistar a confiança foi um processo difícil.

E por isso que não filma nenhum funeral? Não. É por convicção pessoal. Comecei a filmar seis meses depois de a minha mãe morrer e acho que ligar uma câmara no enterro de uma pessoa é uma coisa intrusiva, que não se faz. Era fácil, pagando — os pobres aceitam. Mas mostrei como eram os túmulos, não querendo cair num tom demasiado explicativo, National Geographic... O que eu queria era dar uma dimensão espiritual daquele lugar e daquelas pessoas. E, sobretudo, ultrapassar um tabu que não é só ocidental, pois no Egito também existe. Para os caiotas, aquilo é uma mancha negra, uma vergonha, foi preciso muito tempo até que se admitisse que era um lugar que existia.

E existe desde quando? No filme, o narrador explica que começou com o êxodo rural, o Cairo passou de 4 milhões para 20 milhões de habitantes nos anos 60/70. Existe uma tradição antiga, no Egito, de as famílias virem visitar os mortos, trazem uma tenda ou constroem uma casinha e vi-

rem habitar durante uma semana com os mortos. Inicialmente, aquilo eram habitações temporárias que foram ocupadas. Mas é apenas uma gota de água face aos subúrbios clandestinos e mal construídos do Cairo, onde a qualidade de vida é muitas vezes pior do que no cemitério. Há outros cemitérios habitados no mundo, nas Filipinas e em El Salvador. No Egito tem uma característica especial por causa das tradições faraónicas e pré-faraónicas de construir edifícios para os mortos lá viverem. Aquele cemitério tem uma cidade superior onde estão as casotas e uma cidade inferior com os subterrâneos onde as pessoas estão lado a lado umas das outras.

Há planos do filme em que nem parece que estamos num cemitério... A Inês Gonçalves, que fez a fotografia num período do filme, disse-me: "Sérgio, isto é impossível, uma pessoa chega aqui e por nada deste mundo acredita que é um cemitério." Mas é. Cada casota daquelas é uma casota funerária, cada uma delas tem X mortos enterrados. Se mostrasse aquela realidade de um modo estritamente observacional não se perceberia nada.

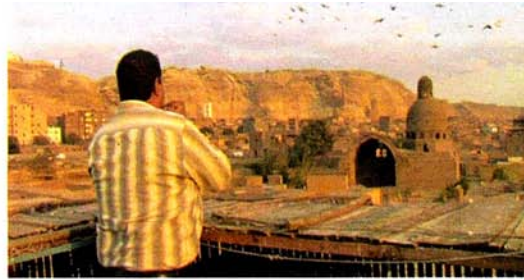
Essa é uma das questões que o filme me levanta: ao contrário do que acontecia nos seus outros trabalhos, em "A Cidade dos Mortos" o olhar é exterior, não consegue cumplicidade com as pessoas que mostra... Deixe-me invocar em minha defesa o testemunho de Samir Farid, que é o papa da crítica egípcia e que me disse que nunca foi feito um filme sobre aquela realidade, nem por estrangeiros nem por egípcios. Conseguir que as pessoas no cemitério se abrissem era um dia sim e um dia não — por causa do medo. Mas tive dois ou três aliados de pedra e cal que até tentavam convencer os outros.

Um filme como este tem potencialidades comerciais? Já circulou em 15 festivais, foi vendido para a televisão sueca, finlandesa, espanhola, o ARTE, mas do ponto de vista comercial não é significativo. Do ponto de vista de comunicação e de divulgação é. A própria Al Jazeera quer o filme e estamos a negociar, porque há uma cena que não autorizo que seja mostrada no Egito — a cena com os jovens no carro. Foi um acordo que fiz com eles: deixavam-me filmar desde que não fosse mostrado lá. Aquelas histórias das malandricas que podem fazer nos túmulos não é um assunto que queiram que passe na televisão. E nas universidades que têm estudos islâmicos o filme está por todo o lado, dos Estados Unidos a França e a Beirute... ▲

CINEMA

DOS MORTOS E DOS VIVOS

O novo documentário de Sérgio Tréfaut não pode ser dissociado das complexas circunstâncias em que se desenvolveu a sua gestação. Na verdade, como o próprio Tréfaut admite, a impossibilidade de obter, em tempo útil, uma licença das autoridades egípcias para filmar na "cidade dos mortos" forçou-o a filmar à socapa, isto é, com um olho na vida e outro na polícia. Trata-se de condicionantes que se refletem no resultado final de um trabalho que, apesar das suas fragilidades (já lá vamos), parece dar sequência ao estudo dos processos de desenraizamento/reenraizamento (geográficos e afetivos) que constituíam já o objeto dos seus melhores filmes anteriores: "Fleurette" e "Lisboetas". Com efeito, aquilo que "A Cidade dos Mortos" procura documentar (através de uma câmara ao ombro que, investindo na observação do quotidiano e nos depoimentos filmados, se vai



"A CIDADE DOS MORTOS" FALA-NOS DE UMA COMUNIDADE QUE VAI 'CONVIVENDO' COM UMA LEGIÃO DE FANTASMAS

deixando pontuar por uma narração em off) não é uma curiosidade etnográfica capaz de figurar nos recordes do "Guinness" ("a maior necrópole do mundo"), antes o que resulta da justaposição, num mesmo espaço, de dois planos de sinal contrário: o dos mortos e o dos vivos. Entenda-se: esta "cidade dos mortos" é, também — e ao invés dos cemitérios que conhecemos —, uma imensa 'cidade dos vivos', ou melhor, um aglomerado de edifícios tumulares que, a partir de 1960, foram começando a ser habitados (em regime de ocupação ou arrendamento) por migrantes do interior que depressa se encarregaram de transformar o espaço numa verdadeira cidade, com os seus cafés, escolas, mercados, oficinas... Ora, aquilo que aqui cativa o olhar de Tréfaut é — parece-nos — a possibilidade de registar o efeito que os mortos têm sobre os vivos, ou seja, sobre uma

comunidade que vai 'convivendo' (harmóniosamente) com uma legião de fantasmas que, embora confinados ao subsolo, não deixam de se fazer 'presentes' na sua vida quotidiana. Dito isto, que fique claro: "A Cidade dos Mortos" agrada-nos mais pela coerência do seu projeto do que pelo modo como o concretiza, a saber, pela particularização (e não pelo aprofundamento) da ideia que no início expõe. De facto, ficamos com a sensação de que Tréfaut andou a reboque das

situações que encontrou, em vez de ter procurado as situações mais adequadas ao desenvolvimento da sua ideia. Daí, talvez, a aparente falta de unidade orgânica de uma montagem que parece limitar-se a religar entre si um conjunto de episódios autónomos (no seu valor e no seu sentido). Prova da autonomia recíproca dos diversos episódios é a curta-metragem ("Waiting for Paradise") que complementa o filme. Na realidade, documentando a preparação e a realização de um casamento na "cidade dos mortos", esta curta constitui uma cena independente que a montagem terá sido incapaz de integrar no corpo da longa. São defeitos? Sem dúvida que sim. Mas só os assinalamos na certeza de que o nosso encontro com o cinema de Tréfaut continua — e continuará — a valer a pena.

Vasco Baptista Marques

A CIDADE DOS MORTOS
+ WAITING FOR PARADISE
 de Sérgio Tréfaut
 (Portugal/Egito/Espanha)
 Documentário M/12

